



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA TEODORO DE OLIVEIRA

**AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM:
IMPLICAÇÕES E POSSIBILIDADES NO COTIDIANO DA ESCOLA**

CAJAZEIRAS - PB

2008

MARIA TEODORO DE OLIVEIRA

**AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM:
IMPLICAÇÕES E POSSIBILIDADES NO COTIDIANO DA ESCOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria de Lourdes Campos.

CAJAZEIRAS - PB

2008



0482a Oliveira, Maria Teodoro de.
Avaliação no processo ensino e aprendizagem: implicações e possibilidades no cotidiano escolar / Maria Teodoro de Oliveira. - Cajazeiras, 2008.
33f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação escolar. 2. Prática avaliativa docente. 3. Docentes-prática pedagógica. 4. Trabalho pedagógico. I. Campos, Maria de Lourdes. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.26

DEDICATÓRIA

Primeiramente à Deus,. Ele com certeza foi minha iluminação e meu apoio em todos os momentos desta difícil caminhada para a realização de tão maravilhosa tarefa. Aos meus filhos Ênio e Erikernad pela paciência e força que me deram aos amigos que colaboraram com meu crescimento pessoal de uma forma ou de outra que muito contribuíram para que eu chegasse até a essa grande conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conceder essa grande vitória, uma tarefa não muito fácil mas na que a partir do seu auxílio tive condições de superar todas as dificuldades;

Aos professores da Escola Municipal de Ensino de Ensino Fundamental Rômulo Pires que me compreenderam e me ajudaram, pois, me apoiaram e me fizeram ver mais um sonho realizado.

A minha família pelo incentivo no decorrer de todo curso, bem como a todos os amigos e colegas de turma que sempre me apoiaram em tudo, me dando forças para prosseguir e lutar pela conquista desta tão grande vitória que é a conclusão do curso;

À Orientadora Lourdes Campos que acreditou e me apoiou na realização deste trabalho monográfico.

“Para que a avaliação educacional assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação”.

(Luckesi 2000, p.42)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

2- AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM UM PROCEDIMENTO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....09

2.1-Avaliação da Aprendizagem.....09

2.2-Concepções da Avaliação.....11

2.3-Funções da Avaliação.....15

2.4- Caracterização da Avaliação.....17

3- FORMAÇÃO E ESTÁGIO.....20

3.1- Procedimentos Metodológicos.....20

3.2- Caracterização da Escola.....22

3.3- Análise de Dados.....24

3.4- Vivências e Práticas Docentes.....28

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

RESUMO

O presente trabalho consiste numa investigação teórica e de campo realizada na escola pública do Ensino Fundamental Rômulo Pires, na cidade de Sousa – PB. A partir deste trabalho, objetivamos compreender e refletir sobre as práticas avaliativas docentes, no intuito de contribuir para o alcance dos objetivos do trabalho pedagógico na escola, na busca pela melhor qualidade da Educação. A primeira parte do nosso trabalho destaca os principais pensamentos de alguns teóricos a respeito do tema: Avaliação escolar, destacando suas diferentes posições acerca do assunto. Os subtítulos estão divididos em: Concepções de avaliação; função pedagógico-didática; funções de controle e caracterização da avaliação. Na segunda parte, relatamos sobre as experiências do estágio, a aplicação dos questionários aos professores da escola, bem como seus posicionamentos referentes à avaliação escolar e suas práticas avaliativas. Destacamos as metodologias utilizadas em cada encontro, que se deu a partir de um planejamento sobre os textos a serem discutidos junto aos professores da referida escola, cujos textos nos subsidiaram na compreensão geral a respeito do tema em questão. Diante da postura dos professores da escola, conseguimos realizar este trabalho de pesquisa mediante o esforço de compreender melhor as questões envolvidas no processo de avaliação escolar. Por fim, apresentamos nossas considerações finais acerca do estudo realizado, que caracterizam os pontos principais e relevantes da investigação de campo.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação; processo ensino-aprendizagem; práticas pedagógicas.

enfrentados no dia-a-dia, especialmente no que se refere à avaliação escolar, portanto a função da escola é buscar significado e importância no processo de avaliação, cuja postura de metodologia do professor seja geradora de estímulos favoráveis à construção e reconstrução do conhecimento do aluno.

Para que a realidade seja modificada é necessário que o educador faça opção por um processo, um projeto político pedagógico na busca de alcançar esse objetivo e de aperfeiçoar o processo ensino aprendizagem. A avaliação deve ser elaborada de forma contínua, provocando o desenvolvimento do educando. Neste sentido, o educador precisa orientar e mediar o processo de ensino aprendizagem do aluno.

O trabalho está dividido em dois capítulos: no primeiro capítulo, apresento o referencial teórico sobre avaliação, discutindo sobre as diferentes concepções de avaliação, funções e características de avaliação. No segundo capítulo apresento os procedimentos; caracterização da escola; análise dos dados e as vivências e práticas docentes, e por fim as nossas conclusões em torno deste trabalho.

2- AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Segundo Saul a preocupação com a avaliação da aprendizagem, constitui a vertente mais antiga. Buscar as suas origens é recorrer ao início do século, ao movimento dos testes educacionais desenvolvido com Robert Thorndike, nos Estados Unidos, resgatando o valor de mensurar as mudanças comportamentais.

Na década de 30, a idéia de mensuração através de testes padronizados é ampliada, passando os estudos avaliativos do desempenho dos alunos a incluir outros instrumentos. Dentre os estudos desenvolvidos o "Estudo dos Oito anos", planejado por Ralph W. Tyler e Smith, incluía uma série de procedimentos avaliativos tais como: testes, escalas de atitude, inventários, questionários, fichas de registro de comportamento e outras evidências sobre o rendimento dos alunos.

Na proposta de Tyler, a avaliação está integrada a seu modelo para elaboração de currículo, que assume um caráter de controle do planejamento, semelhante ao que ocorre no processo de produção industrial.

A trajetória da avaliação da aprendizagem influenciada pelo pensamento de Tyler, prossegue em seus seguidores, que afirmam que a avaliação da aprendizagem continua a ser compreendida como uma dimensão de controle do planejamento curricular.

No Brasil, a avaliação da aprendizagem trilhou o caminho da produção norte-americana, com uma defasagem de mais de uma década. Dentre os autores brasileiros que seguiram a "escola" de Tyler destacaram-se, Dalila Sperb, Mariana Couto e Lady Tina Traldi.

A influência do pensamento positivista no tocante à avaliação da aprendizagem impregnou o ambiente acadêmico brasileiro, tendo se projetado e difundido através dos autores mencionados, cujas obras foram adotadas nos cursos de formação de educadores e figuram inclusive na bibliografia de vários concursos para o provimento de cargos na área educacional.

Nos Estados Unidos, por volta dos anos 50, surgiu a avaliação de currículo, projeto elaborado para tentar modificar o sistema educacional. O trabalho era desenvolvido por um grande grupo de pessoas que testavam matérias e buscavam

evidências dessa testagem para o aperfeiçoamento do currículo antes de sua distribuição ao público.

Já no Brasil, a avaliação de currículo começa a surgir, com maior destaque, a partir de 1970, com o aparecimento dos projetos de currículo. A avaliação da aprendizagem e de currículo também pode ser situada dentro de duas abordagens, reconhecidas, na literatura especializada, respectivamente como quantitativa e qualitativa.

A abordagem quantitativa está ancorada em pressupostos éticos, epistemológicos e metodológicos que expressam forte influência do rigor positivista. Consideram a educação como um processo tecnicista, assume nítida diferença entre fatos e valores, a determinação de fins e objetivos da educação e a neutralidade ética da intervenção tecnológica.

A avaliação quantitativa tem como preocupação única, a comprovação do grau em que os objetivos previamente estabelecidos foram alcançados. Nessa abordagem, situam-se os modelos de avaliação centradas em objetivos comportamentais, análise de sistema e aqueles cujo enfoque está na “tomada de decisões”.

A abordagem “qualitativa”, surgiu em consequência da conhecida ineficácia dos testes padronizados de rendimento, pois não ofereciam toda a informação necessária para compreender o que os professores ensinam e o que os alunos aprendem. Na abordagem qualitativa nem a educação nem a avaliação podem ser compreendidas como processos tecnicistas desligados de valores. A avaliação qualitativa é um movimento metodológico que supõe o inverso dos pressupostos do modelo positivista.

2.1 Concepções da avaliação

Na compreensão de Hoffmann (2001, p.80) “A dinâmica da avaliação é complexa, pois necessita ajusta-se aos percursos individuais de aprendizagem que se dão no coletivo e, portanto, em múltiplas e diferenciadas direções”.

É preciso salientar que os percursos de aprendizagem desencadeiam diferentes configurações para cada educando, é necessário para tanto que se respeitem os princípios, já desenvolvidos. A prática avaliativa deve contemplar o que denominamos de avaliação inicial ou período de sondagem diagnóstico, momento este que se destina a análise das concepções prévias dos alunos.

Para Hoffmann (2001, p.87/88): “A análise de concepções prévias é de natureza epistemológica e exige do professor estudos específicos sobre o tema em disciplina com ciências, matemática, física, química”.

Percebo que para tais inferências é necessário ao professor o domínio do conhecimento de suas próprias concepções prévias, que muitas vezes, também estão sendo desenvolvidas a partir da utilização de imagens, modelos, dicas e exemplos. Cada aluno irá expressar concepções prévias em tempos e jeitos diferentes, através de suas atitudes, escolhas, perguntas, procedimentos utilizados na realização de tarefas, exigindo dos professores uma atitude de investigação científica constante. Valorizar concepções prévias não significa aceitá-las como respostas lógicas e interessantes dos alunos mais reconhecê-las para explicá-las com hipóteses científicas, de forma a trabalhar no sentido das mudanças conceituais.

Como percebemos, são muitos os desafios que enfrentamos no dia-a-dia especialmente no que se refere à avaliação escolar, portanto é papel da escola buscar significado e importância do processo de avaliação, abrindo espaço de liberdade e confiança cuja postura à construção e reconstrução do conhecimento pelo humano.

Na concepção contemporânea o professor é essencialmente o orientador e mediador do processo de construção e aprendizagem do aluno, concebendo que ensinar é uma ação decorrente da pesquisa. Busca-se nesta posição entender que o professor não deve apenas ensinar, e o aluno não deve apenas aprender; o importante é formar e

recuperar esse tempo estabelecendo assim, entre ambos um diálogo motivador na construção do conhecimento.

Para Hoffmann (1994, p.61): “A avaliação é movimento, é ação e reflexão”. O professor não pode usar a avaliação como um fim da caminhada educacional, ensino-aprendizagem é uma troca de informações contínuas e que, a cada dia uma nova informação aparece, é absorvida, transformada, refletida.

A avaliação não pode ser um fim, mas um meio de diagnosticar a prática do ensino, ensinar e aprender de forma passiva, mas em grupo, como agente da ação e receptor das informações porque todos educam e se educam

Para Perrenoud (1999, p.53): “Avalia-se sempre para agir”. Na realidade a avaliação escolar perdeu o sentido de sua finalidade principalmente no desenvolvimento do ser humano, na sua alegria de viver, diminuindo-se a capacidade de agir e apenas buscando nota, aprovação e medição. Porém, o professor atrelado à interpretação injustificada de cada bimestre necessita atribuir uma nova nota ao aluno, e descobrir se este aprendeu o que foi ensinado, acaba por avaliar severamente o aluno, “dizendo-lhes” através da nota que seu resultado escolar é mais importante que a sua condição humana e a sua capacidade de conhecer, raciocinar e agir.

Segundo Luckesi (1995, p.83): “A avaliação de uma apreciação qualitativa sobre os dados revelante do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o trabalho”.

O professor deve participar do processo avaliativo sempre tendo a idéia que necessita para avaliar os conhecimentos dos alunos, sem grande ruptura entre os conteúdos do ensino e as exigências no momento da avaliação. A prática escolar só será realmente avaliativa quando as armas da medição do conhecimento, comprovadamente de uma ação coercitiva, punitiva e hipócrita forem totalmente abolidas partindo da realidade diária da escola, percebendo que a avaliação se tornou uma mera medição de conhecimento do aluno, passando assim para uma promoção ou a uma retenção.

Na visão de Demo (1999, p.78): “A solução mais inteligente não será fugir da avaliação, mas aplicá-la com competência e transparência, incluindo sempre a necessidade e avaliar o avaliador, ou seja, o professor”.

Destacando-se que o mais importante para o professor ao avaliar a aprendizagem dos alunos é avaliar o seu próprio trabalho e os critérios utilizados para essa atividade assim, a avaliação estará a serviço do aluno e também do ensino e conseqüentemente da

aprendizagem. Professores e alunos podem e devem crescer juntos no processo de ensino e aprendizagem, de forma que o aprender seja um prazer sonhador em conjunto.

Os professores necessitam adotar modelos teóricos fundamentais não apenas em medidas classificatórias, mas sim em práticas fundadas numa concepção política de avaliação, que conceba o aluno não apenas como um detentor de quantidades de conhecimentos, mas como um elemento, ativo de sua própria avaliação.

Na compreensão de Hoffmann (2001, p.10):

Assim, creio repensar os princípios de avaliação que regem uma instituição educacional pode ser, sim, um primeiro passo para transformá-la, porque exige discuti-la em conjunto: valores, organização curricular, preceitos metodológicos, visão política, comunitária. Ao discutir a prática avaliativa, cada professor enuncia concepções próprias acerca da vida, da educação do educando.

Temos que resgatar a importância da avaliação, partindo do meio de questionamentos acerca da vida, da educação do educando, a prática mediadora exige estudos, pesquisas e reconstrução da prática, buscando melhor delinear princípios e metodologias.

Ainda no entendimento de Hoffmann (2001, p.40):

A avaliação enquanto medição significa, encontro, abertura ao diálogo, a interação uma trajetória de conhecimentos percorrida num mesmo tempo e cenário por alguns professores. Trajetos que se desencontram, por vezes, e se cruzam por outras, mas seguem em frente, na mesma direção.

O processo avaliativo, tal como se observa ainda hoje, segue um forte viés linear; uma seqüência e soma dos resultados obtidos em todos eles (decorre daí as medidas aritméticas, onde a soma das notas anula o próprio processo e a visão do

aprendizagem, como um processo e não um pacote realizando num processo de reconstrução permanente.

2.3- Funções da avaliação

Avaliação na visão de Libâneo (1994, p.196) cumpre com três funções: pedagógico, diagnóstico de controle.

1. A função pedagógico-didática:

Para que se cumpra essa função, exige certos rigores e recursos adequados, medindo assim resultados de aprendizagem do estudante e do sistema de ensino. A função da avaliação será de tornar possível ao educador na situação de alcançar e compreender o estágio em que o aluno se encontra tendo em vista poder trabalhar com eles essa função.

Prepara o aluno na avaliação, contribuindo para uma boa assimilação, corrigindo os erros, possibilitando para que o aluno avance no seu interesse e aprimorando no seu conhecimento necessário, enfrentando assim as exigências da sociedade, na transformação dos meios culturais e na participação ativa na vida social.

Segundo Libâneo (1994, p. 196).

A função didática se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. Ao se comprovar sistematicamente os resultados dos do processo de ensino, evidencia-se ou não o atendimento das finalidades sociais do ensino, de preparação dos alunos para enfrentarem as exigências da sociedade.

2. Função diagnóstico:

Na visão de Libâneo (1994) os alunos são avaliados continuamente no seu dia-a-dia por meio de tarefas feitas em sala de aula, nas atividades que servem para detectar deficiências, corrigindo folhas, acompanhando a evolução do aluno e estimulando até

alcançar o final do ano letivo, portanto, sua função é diagnosticar dificuldades para corrigi-las.

As funções na avaliação há que se pensar como instrumento de diagnóstico, que essa função seja para o avanço de compreensão do sistema do ensino, do professor e do aluno, possibilitando ao sistema, verificar se está atingindo seus objetivos, portanto é uma avaliação de auto-compreensão. Desta forma,

Na prática escolar cotidiana, a função diagnóstica é mais importante porque é a que possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico-didática e a que dá sentido pedagógico à função. A avaliação diagnóstica ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas. No início, verificam-se as condições prévias dos alunos de modo a prepara-los para o estudo da matéria nova. (LIBÂNEO, 1994, p. 197),

3. Função de controle:

Na visão de Libâneo, essa função permite que a escola faça com que cada aluno aprenda o máximo que puder dentro das suas possibilidades, que haja um controle contínuo, que ocorra uma interação professor-aluno, no acompanhamento individual feito pelo docente no seu dia-a-dia orientando através das atividades, permitindo assim, ao professor observar o desenvolvimento do aluno, contribuindo para que ele saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar novas etapas, na assimilação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento das capacidades mentais.

Assim, “A função de controle se refere aos meios e à frequência das verificações e de qualificações dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas”.

Afirma Rabello (1998, p.80): “Se a avaliação se restringe apenas a função de controle, sua finalidade ficará descaracterizada. Passaremos a avaliar para atribuir um resultado e o aluno passará a estudar, apenas para obter uma nota”.

Entende-se que, é preciso ter uma atitude de trocas, dando oportunidades para que os educandos e educadores cresçam. Entretanto, a avaliação do aproveitamento escolar deve ser praticada como uma atribuição de qualidade nos resultados de aprendizagem, tendo por base seus aspectos essenciais e, como objetivo final uma tomada de decisões que direciona o aprendizado no desenvolvimento do educando.

2.4 Características da avaliação

Para Hoffmann (2001, p.83) na avaliação classificatória nega o respeito à dinâmica do processo de conhecimento. Qual o sentido de se julgar a aprendizagem de um aluno, tomando como momentos definidos, etapa que ele está a percorrer?

É preciso haver momentos de interação, cabe ao professor determinar e permanecer em cada momento do processo de ações variadas na dinâmica da aprendizagem de cada aluno. Contribuindo para a formulação e soluções de hipóteses dos alunos para que eles possam participar, e percorrer esse caminho do conhecimento, a função classificatória subtrai da prática como obrigação da tomada de decisão quanto à ação e quando ela está avaliando uma ação.

O papel da escola não é apenas selecionar os melhores, mas, educar. O uso de notas gera concorrência, além disso, os alunos com notas baixas ficam desmotivados, e muitas vezes são levados a evasão. As notas devem ser substituídas por conceitos mais amplos, o importante é descobrir se o aluno está apto ou não para seguir a diante.

Para Luckesi (2000, p.44) “a avaliação diagnóstica será com certeza, um instrumento fundamental para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia, situação que lhe garantirá sempre relações de reciprocidade”. A educação precisa ser encarada como objeto de discussão, de avanço e reconhecimento, um objeto de identificação de caminhos a serem percorridos. O que significa uma prática avaliativa mais adequada e mais eficiente na perspectiva da transformação, contudo é extremamente eficiente para a conservação da sociedade em adaptar os educandos.

É preciso atentar para o fato de que avaliação são fatores que se integram na formação do aluno e que se trata de impor determinados valores, mas de ser coerente com os valores assumidos, de possibilitar aos alunos uma discussão sobre eles e a construção de critérios para a escolha pessoal, embora, se possa saber como, quando e onde intervir e que essa intervenção produza mudanças, sabe-se também que tais mudanças não dependem das ações pedagógicas.

Para Hoffmann (2001, p.81) “a avaliação mediadora destina-se assim, a acompanhar, entender, favorecer a contínua progressão do aluno em termos destas etapas: mobilização, experiência educativa e expressão do sentido de favorecer a abertura do aluno a novas possibilidades”.

A avaliação diagnóstica deverá ser um instrumento de identificação, onde os alunos busquem caminhos que sejam percorridos de maneira clara e objetiva, onde os mesmos se situem não com objeto, mas como o centro de um resgate repleto de conhecimentos identificados com o meio de cada um.

A avaliação é hoje compreendida pelos educadores como elemento integrado, entre a aprendizagem e o ensino, é uma ação que ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não apenas um momento específico caracterizado como etapas de trabalhos e que envolve não somente o professor, mas também os alunos, pais e comunidade escolar, nas expectativas de aprendizagem em que se têm para os alunos, devem esta claramente expressa nos objetivos e nos critérios de avaliação propostos, assim como na definição do que será considerado como testemunho das aprendizagens.

Segundo Luckesi (2000, p.56) “no caso da aprendizagem escolar, pode ocorrer o erro na manifestação da conduta aprendida uma vez que já se tenha o padrão do conhecimento, das habilidades ou das soluções a serem aprendidas”.

A avaliação apesar da responsabilidade do professor, não deve ser considerada função exclusiva dele. Para resolver, com poderes de julgar os alunos, em determinados momentos, é uma condição didática necessária para que construam instrumentos de auto regulação para as diferentes aprendizagens.

É importante ressaltar que a não realização das aprendizagens esperadas muitas vezes não é problema do próprio sistema educacional, que precisam ser identificados e solucionados, para isso, é importante em primeiro lugar, garantir que sejam semelhantes às situações de aprendizagens realizadas em comunhão, em segundo lugar, deixar claro para os alunos o que pretende avaliar, pois inevitavelmente, estarão mais atentos a esses aspectos.

É preciso modificar a utilização da avaliação classificatória para diagnóstico, assumindo o compromisso de seguir o estágio da aprendizagem em que se encontra o aluno, para que se possa ajudá-lo no processo de aprendizagem.

Se determinado conhecimento ou determinada habilidade tem caráter essencial na aprendizagem do aluno, ele deverá adquiri-lo. Esta forma de aprender, propor e realizar a avaliação da aprendizagem exige que ela seja instrumento e não um objeto final, pois a nota não mede saber algum.

Expressa Perrenoud (2000, p.168): “Enquanto a escola der tanto peso à aquisição de conhecimento descontextualizado e tão pouco à transferência e à construção de

competências, toda avaliação correrá o risco de se transformar em um concurso de excelência.

Uma avaliação diagnóstica somente pode ser cooperativa, negociada, matizada, centrada mais na tarefa e nos processos de aprendizagem do que na pessoa. Enquanto a intenção de instruir não der resultados, o conflito entre a lógica formativa e a lógica seletiva permanecerá. Não se pode pedir que a avaliação substitua o ensino nem pedir uma pedagogia diferente, mais ativa, construtiva, aberta, cooperativa e eficiente.

realizados estudos enfocando a visão de vários autores, atentos e preocupados com essa problemática, como também, propostas possíveis na dinamização da prática avaliativa.

As atividades foram desenvolvidas por meio de reuniões, estudos teóricos e debates com o propósito de refletir e despertar idéias à prática e o processo avaliativo em busca de uma flexibilização e descentralização; organizando conteúdos, metodologias e forma de avaliação que subsidie aos educandos o desenvolvimento da capacidade de aprender. Nessas condições, tanto educadores como educandos, devem reconhecer o verdadeiro sentido da prática avaliativa, baseando-se numa perspectiva construtivista com função diagnóstica sem prejuízos no processo ensino-aprendizagem.

como: leitura e escrita, capacidade matemática, e a capacidade política de argumentação diante dos assuntos diversos que surgem no seu cotidiano.

3.3 -ANÁLISE DE DADOS

Os dados apresentados são resultados de uma pesquisa realizada com alguns professores das séries iniciais da E.M.E. Fundamental Rômulo Pires do município de Sousa tendo como objetivo analisar o processo avaliativo da escola.

Foram aplicados questionários aos professores, visando obter dados que identificassem a realidade da prática avaliativa desenvolvidas pelos mesmos nas suas práticas cotidianas. Os professores investigados, 75% deles concluíram o ensino superior, e 25% possui apenas o nível médio, o que vem a ser algo muito positivo uma vez demonstra a valorização de um curso superior como também amplas possibilidades de uma aprendizagem mais eficaz no magistério

A faixa etária dos professores varia entre 32 a 42 anos e 100% destes são do sexo feminino. No tocante a experiência profissional – 50% possuem 13 anos, 25% são iniciantes na educação, 25% possuem 16 anos de serviço como educando.

Ao serem abordados se **gostam de avaliar**, 75% disseram gostar de avaliar ap ponto que 25 % não gostam. Vejamos o que pensam os professores:

“É muito difícil ainda evidenciar a complexidade das ações e estratégias relacionadas à avaliação da aprendizagem”. (Professora A)

“Sim, além de por em prática o que se ensinou em sala de aula é uma forma de refletir sobre a minha atuação e também de perceber o comportamento da família em casa para com o aluno”. (Professora B)

“Não gosto de avaliar, pois muitas vezes a atividade desmotiva o aluno quando ele percebe que os colegas estão a sua frente em relação à aprendizagem”. (Professora C)

“É a melhor maneira de conhecer seu aluno”. (Professora D)

Ao serem questionadas sobre **“quando avaliava seus alunos”**, 75 % responderam que avaliam diariamente, 25% bimestralmente.

Os professores avaliam seus alunos diariamente, observando o desempenho e o desenvolvimento dos alunos ao longo de todo processo de ensino aprendizagem, realizando atividades que permitem verificar melhor a evolução dos alunos no decorrer do ano letivo.

“É a análise feita através das atividades realizadas pelos alunos levando em conta o direito de o aluno recuperar a chama de aprender”. (Professora A)

“A avaliação que visa apenas à nota sem levar em conta a aprendizagem dos educandos”. (Professora B)

“Avaliação quantitativa é um método de avaliar a capacidade do aluno atribuindo-lhes notas”. (Professora C)

Na avaliação quantitativa prevalece provas e exames. Neste sentido, podemos afirmar que prevalece a classificação do aluno segundo o nível de aproveitamento ou rendimento escolar alcançado, e as provas e exames possuem esta função de classificar o aluno segundo as notas obtidas em respectivas atividades escolares de avaliação.

Ao serem questionados sobre o que é **avaliação qualitativa**, as professoras enfatizaram:

“A avaliação qualitativa diz respeito ao desempenho da qualidade em que o mesmo está inserido e é o contrário a quantidade”. (Professora A)

“É a avaliação que visa o desenvolvimento das capacidades do aluno relacionadas com a aprendizagem”. (Professora B)

“É um processo de avaliação feito durante as aulas. Ex.: a participação, assiduidade, freqüência, desenvolvimento muito”. (Professora C)

“Avaliar observando o desempenho que o aluno obtém a partir do seu conhecimento na escola e fora dela”. (Professora D)

Dentre as múltiplas concepções das professoras, percebe-se que o papel da avaliação é fundamental, tendo em vista que esta visa não somente medir conhecimento, como também melhorar a qualidade da aprendizagem.

3.4 – Vivências e práticas docentes

O primeiro encontro do estágio foi realizado no mês de março na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rômulo Pires, com o objetivo de analisar as práticas avaliativas vivenciadas na escola.

Inicialmente apresentei a proposta do estágio aos professores e diretores com o objetivo de realizar um estudo teórico e prático sobre o processo avaliativo com a finalidade de ajudar os educadores a planejar, a continuidade do seu trabalho ajustando a avaliação ao processo de seus alunos buscando oferecer-lhes condições de superar obstáculos da prática, discutimos com professores os fatores que interferem no processo avaliativo das práticas cotidianas em sala de aula.

Iniciando as atividades de estágio, distribuí um texto falando da “importância da avaliação” na visão de vários autores com intuito de interagir com os professores, em seguida os mesmos definiram a avaliação escolar como: apresentando os seguintes depoimentos:

“A avaliação é muito importante, pois é uma fonte de informação não só do aluno, também do professor permitindo-lhe observar o alcance de suas intenções. É um processo contínuo. É a percepção de ensino aprendizagem”. (Professor D)

“A avaliação é um momento de avaliar a aprendizagem do aluno, sendo este um assunto muito discutido entre os educandos, pois, o método ainda não sabemos a maneira correta de avaliar, muitas vezes nos sentimos mal ao avaliarmos, já que é um processo contínuo”. (Professora A)

Avaliar não é uma tarefa das mais simples, sendo assim, deverão ser levadas em consideração às diferenças individuais. É também importante avaliar o compromisso de cada professor no acompanhamento dos alunos.

No segundo encontro trabalhei o texto reflexivo “Portas de Içami Tibas”, com o objetivo de observar, cada sala de aula que se vive descobrindo tantas outras portas. Prosseguindo discutimos o texto “Avaliação e ideologia” na visão de alguns autores que foi bem questionado entre os docentes.

Diante do texto citado, trabalhamos alguns “mitos” que muitos professores e alunos passam a considerar no processo avaliativo. Neste sentido, foi discutido que a avaliação não deve ser entendida unicamente como um processo de medir capacidades

através de notas. Uma das professoras afirmou que “se um aluno tira 10 e outro tira 04 numa prova, não significa dizer que o aluno que tirou 10 é superior e sabe mais do que o outro que tirou um 04”. Assim, ficou evidente que os professores devem considerar a participação do aluno na sala de aula, que inclui não apenas o seu bom desempenho nas provas, mas, sua participação ativa em sala de aula diante das discussões feitas em torno dos assuntos estudados.

No terceiro encontro realizei uma reflexão sobre o texto: “Viagem para dentro de si”, autor desconhecido, após a leitura do texto, surgiu o debate com o objetivo de comparar as atitudes dos docentes com as do autor, neste momento os educadores perceberam que muitas vezes agem de forma inadequada, na forma de avaliar os seus alunos, comprometendo assim a aprendizagem dos mesmos. Depois entreguei aos professores o texto “Avaliar para que?” nesta perspectiva, os professores fizeram os seguintes questionamentos:

“Avaliar para dar chance ao aluno, pois a avaliação faz parte do processo do desempenho do aluno e não acabar com a chance do aluno” (Professora A)

“O aluno tem que ser amparado, puxado porque quando o diagnóstico está muito baixo é preciso correr atrás do aluno, fazer o possível e o impossível para resgatar a chance dele”. (Professora B)

“A avaliação não é uma atividade que acontece à margem de um processo ensino aprendizagem, e, sim do trabalho pedagógico da escola, pois ela faz parte desse processo, por isso não deve ser deixada para o final”. (Professora C)

Baseado na fala dos professores, a avaliação apesar da responsabilidade do professor não deve ser considerado função exclusiva dele.

No quarto encontro trabalhei o texto reflexivo “Faça” de Ralph Martson, em seguida, entreguei o texto aos educadores sobre “As funções da avaliação” foi bem compartilhado e discutido pelos professores. Prosseguindo com as falas dos professores sobre a prática cotidiana, eles responderam:

“A escola tem por função de preparar os indivíduos, para o desempenho de papéis sociais de acordo com as aptidões individuais”. (Professora C)

“A escola passa a difundir a idéia de igualdade de oportunidade, não levando em conta a desigualdade de condições que consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições por meio de aquisição de conteúdo e da socialização para uma participação organizada na democratização da sociedade”. (Professora B)

Para Libâneo, (1994, p.197) “A prática cotidiana, a função de diagnóstico é mais importante porque possibilita a avaliação do cumprimento da função didática e a que dá sentido pedagógico à função de controle”.

De acordo com o autor, a avaliação tem como função básica informar sobre o contexto em que o trabalho pedagógico irá se realizar, bem como sobre os professores que participarão desse trabalho, pois a função da avaliação deve ser considerada sob a ética democrática da participação, sem perder de vista que ela é parte integrante do projeto pedagógico da escola. A avaliação do processo bem feita, seguida de decisões e ações que ajudem os alunos a aprenderem mais e garantir bons resultados na avaliação final.

Sendo assim, a avaliação é tão complicada que precisa ser feita de acordo com a necessidade de cada aluno, deve estar a serviço de um projeto pedagógico construtivo que vê o ser humano como um ser em desenvolvimento de uma construção contínua.

No quinto encontro trabalhei o texto reflexivo “Motivação para o seu dia”, autor Edimilson Venceslau, com objetivo de o professor avaliar suas experiências, depois distribuí para cada participante o texto “Concepção da avaliação”, na fala de alguns autores o texto foi discutido e comentado:

“A avaliação é muito complexa, pois não sabemos o método mais adequado para avaliar”. (Professora B)

“Para obtermos bons resultados com aprendizagem, precisamos trabalhar com os pais, pois, a avaliação ainda deixa muito a desejar”. (Professora C)

“A avaliação é muito importante; incentiva os alunos a se expressarem, pois, o processo avaliativo está muito preso ao tradicional, vontade de mudá-lo não falta”. (Professora A)

Para que se possa mudar a avaliação é preciso muito conhecimento e preparo, avaliar é uma questão muito séria, o ato de avaliar pode impedir o desenvolvimento do aluno, deixando traumas para toda sua vida, porque só preparam o aluno para ser mais um número.

No sexto encontro, apresentei uma dinâmica “Amor e vida”, autor desconhecido, depois da interação que houve, li um texto reflexivo falando da “forma de avaliar” na fala de alguns autores, apesar dos questionamentos os docentes encontram a maior dificuldade em avaliar como afirma os professores:

“Realmente, “Avaliar é movimento ação e reflexão” como afirma Hoffmann, sobre a prática educativa do professor, onde devem ser vistos os instrumentos que possibilitem o aluno ao tomar consciência não só das suas dificuldades como também das suas melhorias e capacidade”. (Professora C)

“À medida que se depara com as novas situações, novos desafios reformulam suas respostas baseadas em novas hipóteses”. (Professora B)

“A ação avaliativa deve ser um momento de encorajar a criança a crescer, a construir, trocando idéias e reorganizando-as coletivamente”. (Professora A)

Percebe-se que os educadores querem mudar a prática avaliativa e ter uma educação de boa qualidade, que satisfaça aos alunos, o sistema social como também aos profissionais.

No sétimo encontro trabalhei o texto reflexivo “Liderança”, autor desconhecido, com o objetivo de aplicar os melhores métodos e apoio efetivo ao grupo, depois de comentado, distribui um texto falando de “ Como avaliar a aprendizagem do aluno”, na fala de alguns autores:

“Não se deve ensinar as crianças aquilo que elas podem ter o prazer de descobrir”. (Professora A)

“O professor tem que incentivar e orientar o seu aluno”. (Professora B)

“É a partir da observação, do desempenho e do desenvolvimento dos alunos que só poderá ser feita através de situações e atividades variadas”. (Professora C)

A escola hoje só tem sentido como espaço de conquista que se prioriza o aprender a pensar, a refletir, a analisar, avaliar não só individualmente mais também em grupo A observação do desempenho, do crescimento dos alunos, nos trabalhos em grupos que os façam pensarem e não apenas reproduzir o que foi passado.

CONCLUSÃO

Na trajetória desse estudo, tive a oportunidade de atuar como supervisora de estágio com quatro professoras das séries iniciais da Escola M.E.F.Rômulo Pires, visando repensar a prática avaliativa e descobrir caminhos que pudessem subsidiar ou contribuir efetivamente com a transformação da qualidade de ensino e na aprendizagem, de modo que os alunos pudessem adquirir confiança na sua capacidade em aprender melhor.

Nas discussões atuais é importante que o processo de avaliação seja bem democrática, onde o aluno não seja somente o avaliado, mas também todos os que fazem parte desse processo e que a melhoria da qualidade do ensino seja objetivo de todos.

Conforme os depoimentos dos professores, os alunos participam ativamente do processo avaliativo, a fim de adquirir uma aprendizagem mais eficaz e significativa, ou seja, uma construção crítica que impulsiona para o exercício da cidadania.

Os docentes falou que a maioria enfrenta dificuldades para avaliar seus alunos, visto que há grande falta de interesse e estímulo dos próprios alunos na participação ativa durante as aulas.

O estágio foi gratificante, tive um contato mais aproximado com o problema que os professores enfrentam em relação à avaliação da aprendizagem, possibilitou-me reunir conhecimentos e opiniões na troca de experiências que foi de grande importância.

Na escola, pude perceber que a avaliação tem sido um instrumento de grande importância para o processo ensino-aprendizagem, no sentido de diagnosticar dificuldades e avanços do educando. No que diz respeito ao ato de avaliar, pois é no processo avaliativo que detectam as dificuldades, verificam o desempenho e interesse dos alunos, e também, medem os conhecimentos adquiridos por eles. O objetivo da escola é de proporcionar aos alunos condições para seu desenvolvimento pleno da cidadania, primeiro instrumento utilizado foi um questionário, com o objetivo de conhecer como se processa a avaliação nesta unidade de ensino e as concepções dos professores sobre questões da avaliação. O comentário junto aos professores, para

vermos onde e como estavam sendo aplicados os textos de avaliação. Nesta ocasião deixaram bem claro que avaliam seus alunos em todas as tarefas escolares.

Em toda trajetória desse trabalho o objetivo foi de contribuir para uma reflexão coerente, resultando assim para a melhoria do Processo de Avaliação desenvolvido pelo Supervisor da escola, orientando o professor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rômulo Pires, alertando para uma necessidade de avaliar, construído pelo saber, o interesse do educando em crescer na sociedade, em individualmente, pois é a maior contribuição, no comentário, que ele propõe e no repensar do processo de avaliação, no contexto da escola. É a partir dessa contribuição que o processo tem que diagnosticar resgatando o que hoje é de tão importante para o aluno e o professor, pois a avaliação deve ser para melhorar o processo de ensino da aprendizagem, a sua função é diagnosticar dificuldades para corrigi-las.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Mitologia da Avaliação:** de como ignorar em vez de enfrentar problemas. Campinas: Autores Associados, 1999.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação Mito e Desafio.** Porto Alegre: Mediação, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo; Cortez, 1994. -(Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar.** São Paulo: Cortez, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da Excelência à regulação das Aprendizagens entre duas lógicas.** São Paulo: Artmed, 1999.

_____. **Pedagogia Diferenciada:** das intenções à ação. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RABELO, E.H. **Avaliação:** Novos tempos, novas práticas. Petrópolis: Vozes, 1998.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória:** desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. 2ª edição-São Paulo: Cortez, 1994.